

Maria Encarnação Beltrão Sposito  
(organizadora)

**URBANIZAÇÃO E CIDADES:  
PERSPECTIVAS GEOGRÁFICAS**

Universidade Estadual Paulista - UNESP  
Faculdade de Ciências e Tecnologia - FCT

Presidente Prudente - 2001

Copyright 2001 Maria Encarnação Beltrão Sposito

Capa: Caio Beltrão Sposito com Aquarela de José Rufino

Diagramação: Caio Beltrão Sposito

Editoração: Rose Maria do Nascimento

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da Faculdade de Ciências e Tecnologia  
UNESP - Campus de Presidente Prudente

U64 Urbanização e cidades : perspectivas geográficas / Maria Encarnação Beltrão Sposito; org. - Presidente Prudente: [s. n.], 2001  
643 p. : il.; 21cm.

ISBN 85-902133-2-3

1. Urbanização. 2. Urbanização brasileira.  
3. Cidades. 4. Políticas Públicas urbanas.  
5. Problemática ambiental urbana. 6. Rede urbana.  
7. Cidades Médias.  
I. Sposito, Maria Encarnação Beltrão ; org. II. Título.

CDD (18.ed.) 910.13

Proibida a reprodução total ou parcial.  
Os infratores serão processados na forma da lei.

Todos os direitos reservados  
Grupo de Pesquisa "Produção do Espaço e Redefinições Regionais"  
GAsPERR  
Faculdade de Ciências e Tecnologia  
Universidade Estadual Paulista  
UNESP  
Campus de Presidente Prudente  
Rua Roberto Simonsen, 305  
CEP 19060-900 Presidente Prudente SP  
Endereço eletrônico: depgeo@prudente.unesp.br

2001

## SUMÁRIO

Apresentação.....	7
I. A CIDADE NO BRASIL: TRANSFORMAÇÕES E PERMANÊNCIAS	
I.1. Categorias e conceitos para compreensão da cidade brasileira do período escravista <i>Pedro de Almeida Vasconcelos</i> .....	13
I.2. Cidade brasileira: 1870-1930 <i>Maurício de Almeida Abreu</i> .....	35
I.3. Meio século de transformações e permanências: a cidade no Brasil (1930 a 1980). <i>José Aldemir de Oliveira</i> .....	45
I.4. A metrópole polifônica – poliorâmica. <i>Ana Fani Alessandri Carlos</i> .....	59
II. DILEMAS DE MÉTODO: URBANIZAÇÃO E FRAGMENTAÇÃO	
II.1. Urbanização e fragmentação: apontamentos para o estudo do bairro e da memória urbana. <i>Odette Carvalho de Lima Seabra</i> .....	75
II.2. Rentismo e autoritarismo: fundamentos seculares de uma metrópole anticidadã. <i>Sérgio Martins</i> .....	97
II.3. Redes de ação: uma possibilidade de interpretação da fragmentação intra-urbana. <i>Saint-Clair C. da Trindade Júnior</i> .....	127

II.4. Os sentidos da cidade, seu discurso fundante e pacto político-territorial.  
*Márcio Piñon de Oliveira*.....157

II.5. Aproximações sobre o tema da análise geográfica da urbanização e da fragmentação na era das novas tecnologias da informação.  
*Ricardo Castillo*.....175

### III. PRODUÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO E PROBLEMÁTICA AMBIENTAL URBANA

III.1. Produção do espaço e ambiente urbano.  
*Arlete Moysés Rodrigues*.....211

III.2. Agendando velhos reencontros: relações entre os humanos e a natureza nos espaços socialmente produzidos.  
*Edvânia Torres Aguiar Gomes*.....231

III.3. Cidade, meio ambiente e modernidade.  
*Gustavo de Oliveira Coelho de Souza*.....253

### IV. AS CIDADES E AS POLÍTICAS PÚBLICAS: DO PLANEJAMENTO À GESTÃO

IV.1. Políticas públicas municipais: entre o local e o mundial.  
*Silvana Maria Pintaudi*.....283

IV.2. A contribuição dos planos estratégicos na gestão municipal: modernização do discurso, seletividade ou aprimoramento das práticas?  
*Jan Bitoun*.....291

IV.3. Políticas públicas: teoria, prática e ideologia.  
*Eliseu Savério Sposito*.....311

IV.4. Gestão desarticulada: políticas urbanas em tempos de ajuste estrutural  
*Rosa Moura*.....331

### V. A REDE URBANA E SUA DINÂMICA RECENTE

V.1. A rede urbana brasileira e a sua dinâmica: algumas reflexões e questões.  
*Roberto Lobato Corrêa*.....359

V.2. A rede urbana amazônica – da rede dentrítica à configuração de uma rede complexa.  
*Miguel Ângelo Ribeiro*.....369

V.3. Da “fragmentação do tecido sociopolítico-espacial” da metrópole à “desmetropolização relativa”: algumas facetas da urbanização brasileira nas décadas de 80 e 90.  
*Marcelo Lopes de Souza*.....391

### VI. O SENTIDO DA CIDADE NO FINAL DO SÉCULO XX

VI.1. O sentido da cidade: as possibilidades da análise geográfica.  
*Ana Fani Alessandri Carlos*.....421

VI.2. O sentido da cidade hoje: reflexões teóricas.  
*Amália Inês Geraiges de Lemos*.....433

VI.3. As práticas socioespaciais urbanas: contribuições para refletir sobre a cidade.  
*Ana Lucy Oliveira Freire*.....445

VI.4. O sentido da cidade no final do século XX. <i>Jorge Luiz Barbosa</i> .....	461
VI.5. O sentido da cidade no final do século XX. <i>José Borzacchiello da Silva</i> .....	469
VI.6. O sentido da cidade no final do século XX. <i>Regina Célia Bega dos Santos</i> .....	489
VI.7. O sentido da cidade no final do século XX. <i>Beatriz Leocádia Fernandes</i> .....	501
VI.8. Pensando a Geografia Urbana brasileira: alguns desafios para o debate. <i>Cátia Antonia da Silva</i> .....	515
VI.9. Os resíduos da (re)especialização industrial: a crise da cidade ou seu renascimento? <i>Paulo César Scarim</i> .....	523
VI.10. Novas estruturas urbano-regionais: a categoria região-cidade global. <i>Pedro Pinchas Geiger</i> .....	535
VI.11. A fusão da estadia com a mercaderia. <i>Willian Rosa Alves</i> .....	549

## VII. CIDADES MÉDIAS

VII.1. As cidades médias brasileiras: os desafios e a complexidade do seu papel na organização do espaço regional (década de 1970). <i>Beatriz Maria Soares Pontes</i> .....	569
VII.2. As cidades médias e os contextos econômicos contemporâneos. <i>Maria Encarnação Beltrão Sposito</i> .....	609

## Apresentação

Como pesquisadores, sabemos que a temporalidade dos processos, das dinâmicas e dos fatos que se revelam num movimento constante, marcado por transformações e permanências, não é o tempo cronológico do calendário.

No entanto, a passagem do século XX para o século XXI convidado-nos a balanços do que fizemos e, por outro lado, a acaltermos o desejo e o compromisso, sempre recriadores, de desenharmos novas utopias e de refletirmos sobre o passado para encontrarmos, no presente, a melhor dentre as possibilidades que se ensejam para o futuro.

Foi, nesse contexto que, em 1999, realizou-se o 6º Simpósio Nacional de Geografia Urbana em Presidente Prudente, cujos trabalhos, da maior parte dos que nele se apresentaram, encontram-se aqui reunidos, para virem a público, em 2001, durante a realização do 7º Simpósio em São Paulo.

A história desses encontros é, relativamente, curta, pois o primeiro deles foi realizado em 1989 mas a tessitura dessa história revela-se em, pelo menos, três planos.

Em primeiro lugar, pela presença constante de um grupo de pesquisadores da Geografia Urbana brasileira que, desde a primeira reunião, vem contribuindo com sua reflexão teórico-metodológica. A cada dois anos, esse grupo é revitalizado por outros pesquisadores que, ao se agregarem, redefinem e enriquecem esse debate.

Em segundo lugar, pelo empenho de todos em fazer uma discussão a mais profunda possível, mantendo o compromisso político de organizar esses eventos com a Associação dos Geógrafos Brasileiros – AGB.

Em terceiro lugar, pela prática mantida de publicação dos textos resumidos e completos dos trabalhos, na forma de anais e/ou de livros.

Assim, esse livro reafirma o compromisso desse grupo com uma Geografia e, especialmente, uma pesquisa urbana interessada em avançar no plano teórico e da práxis, a partir de diferentes olhares, como seu próprio título sugere.

- MEADOWS, D. **Limits to Growth**. Washington: Potomac Associates, 1972.
- MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- RYBCZYNSKI, W. **Vida nas Cidades: Expectativas Urbanas** no Novo Mundo. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- RODRIGUES, Arlete Moysés. **Produção e Consumo do e no Espaço: Problemática Ambiental Urbana**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- RODRIGUES, Arlete Moysés. Turismo e Sustentabilidade. **Revista de Geografia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul** - Ano V nº 9, 1999.
- SANTOS, Boaventura de S. **Pela mão de Alice: O social e o político na pós modernidade**. São Paulo: Cortez, 1995.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo - Razão e Emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SIRKIS, Alfredo. **Ecologia Urbana e Poder Local**. Rio de Janeiro: Onda Azul, 1999.
- THOMAZ, Keit. **O homem e o Mundo Natural**. São Paulo: Cia das Letras, 1988.
- VIRILIO, Paul. *A arte do Motor* - Editora Estação Liberdade - São Paulo 1998 - *Os motores da História* - In: ARAUJO, Hermete Reis (org). **Tecnociência e Cultura - ensaios sobre o Tempo presente**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1998.

## Agendando velhos reencontros: relações entre os humanos e a natureza nos espaços socialmente produzidos

Edvânia Torres Aguiar Gomes<sup>1</sup>

### 1. Notas preliminares sobre a Cidade

A cidade contemporânea é considerada, alegoricamente, um texto difícil<sup>2</sup>. A despeito de sua incontestável solidez<sup>3</sup>, o urbanismo atual padece por não compreender este mundo complexo sobre o qual deveria agir<sup>4</sup>. As escalas que nortearam os seus princípios pretensamente universais são desafiadas em suas dimensões mais imediatas, mais locais.

<sup>1</sup>Departamento de Geografia da Universidade Federal de Pernambuco.

<sup>2</sup>BOLLE, Willi. As siglas em cores no Trabalho das Passagens, de W. Benjamin. *Revista Estudos Avançados*. V. 27. São Paulo: Universidade de São Paulo/ Instituto de Estudos Avançados. 1996. p.41.

<sup>3</sup>"L'orientation vers la protection du patrimoine ou de l'environnement, la fuite vers l'architecture et la monumentalité, l'accent mis sur la participation du public aux décisions sont-ils de nature à reconstituer un corps de doctrines et de pratiques cohérent face aux défis de la ville moderne?". DUPUY, Gabriel. *L'urbanisme des Réseaux. Théorie et Méthodes*. Paris, Éditeur Armand Colin, 1991.p.9

<sup>4</sup>"La montée des reseaux est un fait, leur signification territoriale nouvelle s'impose au fil du temps. L'urbanisme ne peut pas fonder ses doctrines et ses pratiques sur une pensée Qui néglige ou repousse cette réalité" ?". DUPUY, Gabriel. *OP. Cit.*p. 106

<sup>5</sup>"A idéia de forma-conteúdo une o processo e o resultado, a função e a forma, o passado e o futuro, o objeto e o sujeito, o natural e o social. Essa idéia também supõe o tratamento anilítico do espaço como um conjunto inseparável de sistemas de objetos e sistemas de ações". SANTOS, Milton. *A natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. São Paulo, Hucitec, 2. Edição, 1997. p.83

Os limites de legibilidade das cidades encontram-se dependentes do sistema de objetos e fluxos<sup>5</sup> privilegiados, temporal e espacialmente, em suas leituras. Indiscutível, no entanto, é a supremacia do urbanismo de rede, que, cumulativamente<sup>6</sup>, em seus variados diâmetros e comprimentos evidencia vigorosos dutos do capital, (re)abastecendo as práticas socioespaciais de novos desafios.

As escalas geográficas e históricas selecionadas, bem como as abordagens privilegiadas, assumem, assim, importante significado nesse esforço de apreensão e representação. Em especial, considerando que, essencial e aparentemente, as cidades evocam pluralidades que marcam os esforços para suas apreensões<sup>7</sup>, sob forma de raridades em interseções.

Esse caráter plural das cidades foi, durante muito tempo, hipostasiado segundo tendências de linearização de seus processos evolutivos<sup>8</sup>, espelhados nas cidades européias, como se todas percorressem ou tivessem que percorrer as mesmas etapas e marcos históricos, numa sucessão de estágios inelutáveis<sup>9</sup>.

Na esteira dessa herança, a transferência de padrões ainda persiste e mais, se reproduz, a adoção e importação de modelos e parâmetros estandarizados, escolhidos para medir os respectivos avanços e atrasos das cidades, bem como para definir “estágios futuros”. As espessuras

<sup>6</sup>“...os atores hegemônicos, armados com uma informação adequada, servem-se de todas as redes e se utilizam de todos os territórios. Eles preferem o espaço reticular, mas sua influência alcança também os espaços banais mais escondidos”. SANTOS, Milton. Op. Cit. p. 194.

<sup>7</sup>“Na escrita, nem tudo é verbo”, segundo Louis Hay, “L’écrite et l’imprimé”, In: De la lettre au livre. Sémiotique des manuscrits littéraires, org. por Louis Hay, Paris: éditions du CNRS, 1989, p. 25.

<sup>8</sup>Essa perspectiva histórico-linear de evolução da cidade segundo etapas a serem vencidas, independentemente da sua origem e formação sócio-espacial levou a falsificação de moldes, condicionando interpretações.

<sup>9</sup>O reconhecimento da impossibilidade de nos “penitenciarmos” por não termos experimentado esses estágios, não significa que não tenhamos superado a herança colonial, ou até tenhamos dentro da escala histórica avançado em termos de qualidade das nossas cidades. A experiência do Outro pouco foi incorporada na sua positividade e, no quadro conjuntural possível, os estágios intranacionais registram descompassos em suas etapas.

históricas e sociais<sup>10</sup> que singularizam a formação dos espaços dessas cidades são desconsideradas. É suposto um modelo básico cultural. Um percurso obrigatório a seguir por qualquer sociedade, segundo um modelo das “mais avançadas” ou “mais desenvolvidas”<sup>11</sup>.

A existência de cada cidade tem uma lógica e uma fundamentação histórico-cultural própria que, a despeito de inexoravelmente articulada com as demais, seja internamente no nível específico de análise considerado – local, regional, nacional – seja no nível global, subsistem sob a forma de seu patrimônio (cultural, físico-natural, social, econômico e político), subvertendo tentativas hegemônicas da imposição de um roteiro de qualidade universal.

<sup>10</sup>“El mundo occidental, al expandirse sobre el resto del planeta, incluyendo a los dominios del imperialismo ibérico, ocupando lo que consideró ‘vacío de poder’, hará del coloniaje ibérico una expresión más de la inferioridad de esos dominios. La colonización ibera al mestizarse, imponiendo su cultura al indígena, habia fracasado permitiendo la incorporación del dominado en la cultura del dominador, que tal fue el resultado de la misión evangelizadora que se impuso como proyecto. Algo que no se permitirá ya la colonización europeo-occidental cuyo proyecto sería pura y simplemente, explotador. Mantendrá la superioridad de su cultura, de una cultura que se basará en la relación de competencia y en la supervivencia del más apto; razón por la cual no se permitirá la aparición de ningún nuevo competidor. (...) El latinoamericano que se sabia extrño al mundo del colonizador ibero al mundo indígena, verá en la cultura occidental – la cultura que habia permitido la aparición de las poderosas naciones, que habian relegado a la cultura ibérico-cristiana – la solución de su problema tratando, por ello, de hacerla suya. Buscará incorporarse así al progreso que esta cultura expresaba, pero para acabar recibiendo el rechazo de sus creadores e poseedores, los cuales no podían permitir semejante raptó. El mundo occidental, no podría tener dentro del ámbito de la cultura occidental y frente el hombre que la forjaba, outro lugar que el de instrumento. Y, como instrumento, tenia que ser ajeno a la cultura e ideales de su manipulador. Ninguna absórcion, ninguna negación dialéctica, pura y simplemente instrumentación; la realizada por un conjunto de pueblos sobre el resto de los pueblos del mundo”. ZEA, Leopoldo, *Filosofia de la Historia Americana*, Mexico, Fondo de Cultura Económica, 1978. P.106-107

<sup>11</sup>DABAT, Christine R. “A escolha dos Ancestrais ou Notas sobre o Círculo Itinerário Geográfico da História Oficial”, In *Revista de Geografia*, Vol.9, N. 1 jan/jul., 1993, p.25-66.

A transposição desses roteiros vem exigindo verdadeiras acrobacias com elevados custos sociais e impactos ambientais para as cidades dos países subdesenvolvidos, principalmente, e têm sido comprovado que os resultados não são satisfatórios, conforme atestam os dados divulgados, através da mídia, pelos Organismos e Agências Internacionais, passíveis de consulta em anexo. Antecipadamente, é possível fazer algumas inferências:

## 2. As transferências de conceitos e a ética globalitária para as cidades

As implicações dessa visão imposta e dependente com carimbo de "civilizada" são muito problemáticas e, suas conseqüências são preocupantes. As exigências paradigmáticas "ofertadas" pelo modelo europeu ocidental e pelos Estados Unidos, com um viés incursional nipônico, encontram-se revestidas pela aura de êxito financeiro em moldes técnico-científicos<sup>12</sup> com vasta ancoragem no "mito da globalização"<sup>13</sup>

<sup>12</sup>"A ninguém escapa a extraordinária velocidade do progresso técnico em áreas como informática, telecomunicações e finanças. Essas inovações tecnológicas, associadas à diminuição dos custos de transportes, à desregulamentação de diversos mercados e à remoção de controles e barreiras, têm facilitado a crescente integração comercial e financeira dos mercados nacionais e a internacionalização dos próprios processos de produção em muitos setores". BATISTA Jr. Paulo Nogueira, *Mitos da "Globalização"*. Cadernos Temáticos, vol 4, Rio de Janeiro: SENGE- Sindicato dos Engenheiros no Estado do Rio de Janeiro, 1999, p.8.

<sup>13</sup>"É preciso, contudo, resguardar-se contra a carga de fantasia e mitologia construída a partir desses fenômenos reais. Há uma tendência bastante generalizada a exagerar o alcance dos fatos que servem de base à retórica da globalização. O processo de internacionalização em curso nas últimas décadas não é nem tão abrangente e nem tão novo quanto sugerem os arautos da 'globalização'. Também não tem o caráter inexorável e irreversível que se lhe atribui com tanta frequência". BATISTA Jr. Paulo Nogueira, *Mitos da "Globalização"*. Cadernos Temáticos, vol 4, Rio de Janeiro: SENGE- Sindicato dos Engenheiros no Estado do Rio de Janeiro, 1999, p.8.

Sob a égide dessa "globalização", por sua vez, nem tão nova<sup>14</sup>, estabelecida numa versão simplificada e intimidadora, de grande utilidade para certos tipos de governo, em especial aqueles das ex-colônias subdesenvolvidas, políticas públicas de ajustamentos ditadas como parâmetros internacionais, que beneficiando determinadas elites<sup>15</sup> e grupos econômicos do país, e/ou de determinadas regiões, em detrimento da maior parte da população são bem recepcionadas.

Entre as políticas públicas de ajustamentos com grande repercussão sobre o urbano, destacarei aqui a "ética globalitária"<sup>16</sup>, conduzida sob a forma de ingerências ecológicas, qual seja um "novo colonialismo" do hemisfério norte em direção ao Sul. Essas ingerências que compõem ou derivam-se em políticas, são alimentadas em sua composição por atores, como WWF (Fundo Mundial para a Natureza), UICN (Banco Mundial pela Natureza), Bretton Woods, e

<sup>14</sup>"Como lembra o historiador Marc Ferro, esse antigo processo de internacionalização e de criação de um mercado de alcance mundial foi lançado pela colonização, tendo resultado em aplicação das desigualdades entre os países colonizadores e os demais. (...) Caberia até indagar se a chamada globalização não seria a continuação da colonização por outros meios. E se o entusiasmo que suscita em muitos círculos, não só no Brasil, como em outros países da periferia subdesenvolvida, não seria um reflexo atávico da mentalidade colonial." BATISTA Jr. Paulo Nogueira, *Idem*, p.12.

<sup>15</sup>Como são espaços privilegiados pela produção do capital, as cidades, acima de quaisquer outros espaços, têm suas gestões, ficam submetidas, condicionadas a interesses de grupos dominantes.

<sup>16</sup>"Dans une interview parue dans *global Ecology*, ouvrage publié sous la direction de Wolfgang Sachs, Guy Beney nous met en garde contre les dangers du "global" en tant qu'"instrument de domination. Il s'agit d'une perspective qui élargit la problématique des rapports que les sociétés entretiennent avec leur environnement vers celle de la relation du genre humain avec la biosphère. Cette perspective valorise le rôle des 'experts' et des techniciens au détriment des politiques, prône la soumission de l'humanisme universel ou des spécificités culturelles aux impératifs du globalisme écologique et confie à la biologie le rôle du savoir, clé apte à résoudre tous les problèmes de l'humanité.". SABELLI, Fabrizio. "L'éthique globalitaire et l'esprit du nouveau colonialisme." In SABELLI, Fabrizio (org.) *Écologie contre nature*, Paris: PUF Cahiers de L'UED, 1995, p. 17-18

o Banco Mundial, particularmente, além de outras organizações, inclusive não governamentais, que, a despeito de clivagens ideológicas profundas se reúnem em torno dos mesmos espaços geopolíticos e culturais sob a forma de grandes projetos.

Essas políticas integram um especial programa de poder que, paradoxalmente, atua sob a bandeira de "salvação do planeta" erigida inicialmente pelo movimento dos anos 70, atento à necessidade de preservar as diversidades culturais e do 'Outro' dentro de suas perspectivas históricas e não somente biogenética, como sói acontecer. Ou seja, especialmente com sentido ideológico oposto de preservação das diferenças, especificidades e identidades culturais.

Em nome da salvação do planeta, protocolos são firmados e encontros internacionais promovidos, que impactam sobremaneira nos espaços urbanos.

<sup>17</sup>HABITAT 2 - Conferência mundial convocada pela ONU para discutir com os países a urbanização no mundo. A Primeira foi em Vancouver (Canadá), em 1976. Objetivo principal da Habitat 2: O desafio é apresentar sugestões para criação de infra-estrutura de saneamento, assistência médica, moradia e emprego suficiente para garantir um padrão mínimo de qualidade de vida aos moradores. No final da conferência, os países vão assinar um documento comprometendo-se a colocar em prática o que foi definido durante a conferência.

Resumo dos objetivos:

- melhorar a participação da população na gestão dos assuntos públicos;
- encontrar formas de satisfazer as necessidades de moradia e infra-estrutura das cidades;
- melhorar a economia urbana, reduzir a pobreza e criar emprego;
- minimizar o efeito de desastres e emergências causados pelo adensamento populacional nas cidades;
- criar um banco de dados com práticas urbanas bem sucedidas para a solução de problemas urbanos.

**Frases de Quem fez a Habitat 2** (Folha de São Paulo, 02 de junho de 1996).

"Se quisermos salvaguardar o futuro, não temos outra opção senão encontrar hoje as respostas que são a essência da nossa vida cotidiana: como vivemos, onde vivemos e, acima de tudo, se afinal de contas, será possível sobreviver". (Wally N'Dow, secretário geral da Habitat 2)

"É possível romper o círculo vicioso da pobreza, dos conflitos, da devastação e do subdesenvolvimento? Há perguntas difíceis de responder". (Boutrus Boutrus-Ghali, Secretário-geral da ONU)

O filtro pretensamente aglutinador dessas interpretações repousa na atualidade sob o discurso da ética globalitária para as questões ambientais, pela proteção dos recursos naturais, entre outros aspectos, conforme acenam os grandes protocolos de intenções firmados na UNICED 92, Habitat 2<sup>17</sup>, em meio a tantos eventos internacionais, com especial destaque para a Agenda 21.

São definidos novos paradigmas ambientais ao mesmo tempo em que são esboçados modelos de desenvolvimento sustentável associados a mecanismos de sensibilização e conscientização ambiental e valorização da natureza, inspirados em certezas científicas supostamente incontestáveis aliadas a visões proféticas aterradoras. É útil e politicamente correto alertar sistematicamente que 'as florestas estão sendo destruídas pelos gases carbônicos, que o aquecimento do planeta entra em fase irreversível, que, em dez anos o nível do mar se elevará em dez metros'<sup>18</sup>.

Por sua vez, o conhecimento expresso pelos nativos desses países do hemisfério sul, quando confrontado com os saberes científicos desse projeto de ética global, assume estatutos de conhecimento selvagem ou primitivo, que uma vez repassados sob a forma de seus depoimentos e experiências para os *experts* consolidam capital científico necessário à expansão de firmas e indústrias associadas à biodiversidade, de um lado, ou à sua própria capitulação<sup>19</sup>, tudo dentro da cultura do mais forte, do mais sabido, historicamente.

<sup>18</sup>SABELLI, Fabrizio. Op. Cit. p. 19

<sup>19</sup>"Enfin, la culture du mépris peut aussi apparaître au premier abord comme l'inverse de ce qu'elle est dans la réalité lorsqu'elle renait exceptionnellement la dépendance du 'savoir scientifique' à l'égard de la 'pensée sauvage'. Traquer le chaman pour le faire parler de ses plantes est ainsi devenu un véritable sport pour les ethno-botanistes et les taxonomistes à la solde des institutions de recherche en biodiversité, elles-mêmes financées par les industries pharmaceutiques... Et bien entendu aucune mention n'est faite des droits sur le savoir. L'utilité pour le capitalisme, voire pour l'humanité, des découvertes du chaman et de celles de son peuple n'est jamais reconnue ni récompensée". SABELLI, Fabrizio. Ibidem.



É através dessa grade de leitura, tão universalizante, tão significativa e cheia de significados que pretendo situar algumas reflexões sobre as interpretações e representações de e na cidade recorrentes, tendo como pano de fundo, particularmente, a cidade do Recife.

### 3. Algumas leituras da natureza da e na cidade

Cabe aqui a ilustração benjaminiana: a cidade, em especial a metrópole moderna é uma grande loja onde o homem é a mercadoria circulante<sup>20</sup>. Essa mercadoria humana, tanto no âmbito das estratégias<sup>21</sup> e quanto das táticas<sup>22</sup>, enquanto produtor e consumidor dos espaços, capitaliza tanto mais quanto maior for seu repertório para interpretações da Cidade. É importante destacar que esse(s) intérprete(s), a quem é facultada a postura ativa das práticas sociais, e até o papel

<sup>20</sup>BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas, 3 vol, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1ª edição, 1987.

<sup>21</sup>“Chamo de ‘estratégia’ o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um ‘ambiente’. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. A Nacionalidade política, econômica ou científica foi construída segundo esse modelo estratégico”. CERTEAU, Michel de., A Invenção do Cotidiano- Artes do Fazer. Petrópolis: Vozes, 1994, p.46

<sup>22</sup>“Determino ao contrário, ‘tática’ um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Ela não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias. O ‘próprio’ é uma vitória do lugar sobre o tempo. (...) Essas táticas manifestam igualmente a que ponto a inteligência é indissociável dos combates e dos prazeres cotidianos que articula, ao passo que as estratégias escondem sob cálculos objetivos a sua relação com o poder que os sustentam guardado pelo lugar próprio ou pela instituição”. CERTEAU, Michel de., Op. Cit. p.46-47

de *relés* nas articulações e empreendimentos públicos e privados, internacionais, nacionais, regionais e locais, integra elites econômica e politicamente dominantes.

As evidências mnemônicas e os registros daquelas situadas em países física e socialmente nas cidades, em especial daquelas situadas em países subdesenvolvidos e culturalmente colonizados, a exemplo do Brasil, sustentam este argumento. Nesses países, as monoculturas legadas, por sua vez, cristalizaram versões da história dos vencedores, através das elites geradas em torno do cacau, café, cana<sup>23</sup> e pecuária, por exemplo, engendrando as leituras e determinando as formações e práticas sociais convenientes.

É oportuno destacar que essas elites, não obstante supostos declínios em suas bases produtivas coloniais, se recompõem sob outros formatos de poder, inclusive, conforme bem trabalhado por Bourdieu<sup>24</sup>, através de extensões familiares como defensores de seus interesses em instâncias administrativas, facilitando recomposições de papéis intervenientes.

<sup>23</sup>MINTZ, Sydney W. “The Power of Sweetness and the Sweetness of Power”, in The Eighth Duijker Lecture. Amsterdam. Van Loghum Slaterus, 1988, p.12. “O Poder do Doce e a Doçura do Poder”. Tradução Christine Rufino Dabat. Revista Clio. N. 16 1998.

<sup>24</sup>BOURDIEU, Pierre, la Distinction, Critique Sociale du Jugement, Paris, Editions de minuit, 1979, p.530.

<sup>25</sup>Relaciones de dependencia, entre individuos y pueblos, las há habido en toda la historia, entre todos los pueblos y entre todos los grupos humanos. Relaciones de dependencia há habido, también, en la historia de europa. A estas relaciones se refirieron Hegel, marx, engels y todos los filósofos de su historia. Sin embargo, las relaciones que se darán entre Europa, el mundo occidental, y el resto del mundo sobre el cual ésta se expande, van a ser diversas de las que se presentaron en el viejo mundo. Expliquémonos: en la formación de europa y su cultura, en la formación del llamado Mundo Occidental, que incluirá a los Estados Unidos de Norte-américa, el encuentro de diversos pueblos, de diversos grupos humanos, si bien dio origen a situaciones de dependencia, estas relaciones dieron también origen a mezclas raciales y culturales, a mestizaciones de hombre y culturas. Se originarán, no sólo nuevas organizaciones políticas y sociales, sino también culturales. Los múltiples acervos culturales, políticos y sociales de los grupos e individuos que así se mestizaron, acabaron originando un fondo común de experiencias y culturas entre los pueblos que se dieron cita en el Viejo Continente(...) el todo hizo parte de la cultura que tan orgullosamente se alzará, frente al resto del mundo, como modelo, arquetipo a seguir. ZEA, Leopoldo. Op. Cit.p.103.

4. *Velhos reencontros*

Cidade tida como suposto exemplar criptografado e, no entanto, paradoxalmente óbvia, em sua lógica e grades hierarquizadas de leituras universais, especialmente tendo como perspectiva as relações entre o primeiro e demais mundos<sup>25</sup>.

A produção social do espaço cristaliza historicamente velhas lendas em seus processos e práticas. A exclusão e a segregação são clássicos ícones desse processo.

Por outro lado, a previsível impotência na elucidação de crônicas questões revestidas em novos formatos, encontra no confortável discurso do “sem precedente ou do complexamente novo”, seu elemento de reconciliação.

Dessa forma, alternam-se lemas e bandeiras a serem desfraldadas como inusitados desafios. Um debruçar mais atento instiga velhos reencontros da sociedade.

Índices e indicadores de desenvolvimento humano confirmam estatisticamente o vivido em sua obviedade anunciada: pobreza, doenças endêmicas, desemprego<sup>26</sup>, desnutrição<sup>27</sup>, mortalidade,

<sup>25</sup>Acerca do Brasil: “A política macroeconômica acelerou a ‘expulsão’ dos camponeses sem terra do interior, levando à formação de uma força de trabalho nômade que migra de uma área metropolitana para outra. Nas cidades, surgiu uma camada de pobreza urbana inteiramente nova (socialmente distinta da que caracterizava as favelas): milhares de trabalhadores assalariados e funcionários burocráticos, que viviam em áreas residenciais de classe média e baixa, foram despejados, socialmente marginalizados e, muitas vezes excluídos das áreas dos cortiços”. CHOSSUDOVSKY, Michel. *A globalização da Pobreza. Impactos das reformas do FMI e do Banco Mundial*. São Paulo: Moderna, 1999. p.179.

<sup>27</sup>Acerca da desnutrição no Vietnã, após os choques e impactos econômicos do FMI: “uma pesquisa sobre nutrição confirmou uma brupta deterioração geral do estado nutricional de crianças e adultos. A quantidade diária *per capita* de calorias consumida pelos adultos no país era de 1.861, com 25% da população adulta estando abaixo de 1.800 (1987-1990), indicando uma situação de subnutrição extrema”. CHOSSUDOVSKY, Michel. Idem. p.156-157.

catástrofes, calamidades, entre outros aspectos. À semelhança com o historicamente já vivenciado, nos séculos XVIII e XIX, particularmente, revelam “velhas novidades”.

Conforme atesta Chossudovsky:

*“contrariando o espírito do acordo de Bretton Woods, cuja intenção era a ‘reconstrução econômica’ e a estabilidade das principais taxas de câmbio, o programa de ajuste estrutural (PAE) tem contribuído amplamente para desestabilizar moedas nacionais e arruinar as economias dos países em desenvolvimento. (...) O poder de compra interno entrou em colapso, a fome eclodiu, hospitais e escolas foram fechados, centenas de milhões de crianças viram negado seu direito à educação primária. Em várias regiões do mundo em desenvolvimento, as reformas conduziram ao ressurgimento de doenças infecciosas, entre elas a tuberculose, a malária e o cólera”<sup>28</sup>.*

Ilustrativamente constam, como anexo neste artigo, algumas dessas informações sobre desenvolvimento que comprovam a tese que não erradicamos problemas básicos para melhoria da qualidade e atendimento às necessidades vitais do ser humano, antes pelo contrário. Algumas das doenças endêmicas identificadas no período inicial da colonização brasileira ainda persistem neste final de século. As taxas de analfabetismo continuam elevadas, a sobrevivência contemporânea do trabalho escravo, constrangidamente subverte as teses acerca do tempo livre e do não trabalho, bem como os desafios da qualificação técnico-científica, ao lado das discussões sobre Defesa dos direitos da humanidade. E, com relação à indigência e pobreza no Brasil, os dados ratificam as imagens vividas, em especial nas cidades médias e metrópoles:

<sup>28</sup>CHOSSUDOVSKY, Michel. Idem. p.26

Dados sobre Indigência e Pobreza no Brasil:

1990 -	33,0 Milhões	INDIGENTES	(US\$ 42,8 MENSAIS)
	67,5 Milhões	POBRES	(US\$ 100,4 MENSAIS)
1997 -	21,3 Milhões	INDIGENTES	
	55,0 Milhões	POBRES	

Fonte: Panorama Social da América Latina, CEPAL, 1999

E, como numa situação de *bricolage*, colecionamos continuamente novas conquistas e avanços científicos e tecnológicos<sup>29</sup>, convivendo com legados “primitivos”, “selvagens” e cifras de pobreza e miséria alarmantes. São os paradoxos de que trata Raffestin, ao afirmar que os modelos de desenvolvimento sustentável e a economia que o sustenta buscam a preservação pelo signo monetário que o alvo contemplado representa e não pela importância do alvo em si e no seu contexto.

Afinal, as relações estabelecidas pelos humanos entre si e desses para com a natureza, a despeito de terem assumido amplo repertório de formas, ao longo das diversas escalas de tempo e espaço, repousam sobre o mesmo arcabouço de idéias<sup>30</sup> e princípios filosóficos selecionados na linhagem ocidental.<sup>31</sup> Nesse ponto, as sutilezas de práticas recorrentes de sujeição e exclusão revelam as heranças das desigualdades.

<sup>29</sup>RAFFESTIN, Claude. “Les ingérences paradoxales de la pensée écologique”. In SABELLI, Fabrizio (org.). *Écologie contre nature*. Op. Cit. p.42-43.

<sup>30</sup>Arcabouço - conjunto de preceitos, explicações, objetivos etc. - construído no pensamento ocidental por meio de opções, exclusões, adjunções adaptando-se aos propósitos dominantes de cada época.

<sup>31</sup>Para re-situar no tempo e no espaço a construção do pensamento ocidental dominante a respeito das relações homem/natureza definimos, como recurso didático, os seguintes cortes que, grosso modo, correspondem à periodização clássica: 1. Os gregos antigos; 2. O cristianismo; 3. O Iluminismo; e, 4. O positivismo

<sup>32</sup>As idéias dos grandes pensadores escolhidos para definirem nossa ancestralidade constituíram-se em pilares do pensamento ocidental dominante em detrimento de uma série de opções não contempladas pela “História Oficial”.

Tenha-se consciência ou não, somos herdeiros de uma linhagem de idéias que servem de guias para comportamentos e relações sociais; dentro da própria sociedade ocidental e dessa com as demais, colonizando, conquistando, submetendo e, numa dinâmica compensatória, também libertando ou alforriando, seletiva e coerentemente a projetos atinentes, grupos sociais e seus interesses.

Os princípios filosóficos subjacentes<sup>32</sup> a esse arcabouço guardam coerência em todos os campos da vida social: escola, casa, igreja, etc., onde os fatos passam a assumir aspectos de obviedade, de evidência que fazem esquecer que se trata de construções históricas - entre outras - comportando em si tendências diversas: algumas abafadas, outras claramente reprimidas, eliminadas e até esquecidas.

É imprescindível revisitar, de forma contextualizada as grandes fontes do pensamento ocidental, cotejando-as com nossas atuais reflexões e “boas idéias”. Torná-las objetos potenciais de crítica em lugar de alusões eruditas intocáveis, destacando, sob olhar crítico, como estas se reproduzem em nossas práticas e, particularmente nos usos do argumento “natural” empreendidos para reger as relações dos humanos entre si e com a natureza. A sociobiologização, estudos da craniologia, a curva dos sinos, a naturalização do artificial e a artificialização do natural são exemplares dessas práticas, aliados ao processo de contabilidade ambiental dos “recursos”.

O emblema da modernidade assegurou o papel do homem como senhor da natureza, que tendo como eixo norteador da evolução da sociedade ocidental, o progresso, estabeleceu as bases do evolucionismo cultural e do darwinismo social, desenhando a geografia das exclusões.

A constatação desses reencontros históricos que têm sua primazia no estudo das relações entre os homens e para com a natureza, longe de acenar para postura resignatória supõe movimentos emancipatórios. Desta feita, aproveitando a chance de novos agendamentos para escaparmos da história como designio.

<sup>32</sup>Gramsci, Antonio *Concepção Dialética da História*, 9, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1991, p.253.

Afinal,

*"todas as concepções liberais reformistas, são formas de história com designio. (...) Como exigir que as forças em luta moderem suas lutas dentro de certos limites de conservação do Estado liberal, sem com isso cair no arbitrário ou no designio preconcebido?...Na luta, 'os golpes não são dados segundo pactos', e toda antítese deve necessariamente colocar-se como antagonista radical da tese, inclusive propondo-se destruí-la e substituí-la completamente"<sup>33</sup>.*

Nessa perspectiva, afinando observações sobre os novos arranjos e configurações impostos aos espaços urbanos, faz-se necessário trabalhar a questão da qualificação da vida que queremos ou não. Os moldes que queremos romper e o desenvolvimento sustentável que queremos esboçar. Isso, de uma forma coerente aos valores culturais que singularizamos.

Podemos fazer nossas próprias representações da natureza e das relações que podemos estabelecer entre nós e para com ela. Ao longo desse processo, os elementos naturais são subordinados ao ideário do urbano, como projeto de espaços gerenciados/dominados pelas engenharias técnicas e econômicas.

Sobre essa base são construídas as representações das cidades, que se reproduzem através de práticas cotidianas, nos diversos segmentos sociais. Essas representações revelam relações estabelecidas culturalmente com os elementos da natureza presentes nos espaços da cidade. Os debates contemporâneos sobre meio ambiente e as denúncias sobre as variantes da inospitalidade<sup>34</sup> urbana, e os indicadores de qualidade de vida, desemprego e esgarçamento do tecido social e urbano oportunizam avanços na confecção de agendas próprias.

<sup>34</sup>Acerca desse assunto, já em 1965, um importante psiquiatra alemão e crítico do cotidiano das cidades, já discutia essa temática aludindo à necessidade de refletir-se sobre o caráter hospitaleiro ou não dos espaços que criamos social e psicologicamente nas cidades. Bem como, acerca do ambiente que produzimos com nossas práticas sociais. MITSCHERLICH, Alexander. *Die Umweltlichkeit unserer Städte*. Anstiftung zum Unfrieden. Frankfurt: Suhrkamp Verlag KG, 1965.

Que cidade queremos, que desenvolvimento sustentável almejamos? É este com esses indicadores humanos e sociais, além do quadro natural impactado? É essa cidade naturalizada artificialmente? cheia de relicários e espaços perplexos? é essa artificialmente naturalizada que forjamos em nossos debates? compartilho essas questões....

## ANEXOS

### Saúde

#### Brasil é o 4º do mundo em tuberculose

Dados do Relatório que a UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância), divulgou no dia 22 em Brasília indicam expansão da tuberculose no país. Ocupando o quarto lugar no ranking mundial, com 85 mil registros em 1996. (REGISTROS!!!)

1. Índia
2. China
3. Filipinas
4. Brasil

"Isto é preocupante porque a tuberculose surge cada vez mais resistente. Isso mostra que o sistema de saúde nessa área não chega de forma contínua aos pacientes." Reiko Nimis, especialista em saúde pública.

No caso da tuberculose o tratamento supervisionado é imprescindível ao longo dos seis meses seguintes. O Brasil não põe em prática este tratamento prolongado. Menos de 10% dos brasileiros recebiam este tratamento em 1996, ou seja uma condição semelhante à de Uganda, Zimbábue e Afeganistão.

O coordenador de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST\_Aids) do Ministério da Saúde, Pedro Chequer, esclareceu que grande maioria dos casos de tuberculose não está associada à Aids no país. Ele disse que cerca de 5 mil pessoas com a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida desenvolvem a cada ano a tuberculose, cuja incidência decorre principalmente de problemas como pobreza, falta de assistência e desemprego. "É como se tivéssemos um HIV Social"

Jornal do Comércio, 23/07/99

### Ciclo sem fim da esquistossomose

“A pouco mais um ano para o século 21 (sic), uma doença que chegou ao Brasil na época da colonização continua a atingir a população rural pela simples falta de água encanada e saneamento. Pacientes com esquistossomose, a popular barriga d'água, são medicados, ficam bons, mas se reinfectam e voltam a ter a doença em menos de um ano. Pesquisa realizada por bióloga do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) em Corte do Camorim, localidade de São Lourenço da Mata, na Região Metropolitana do Recife, verificou uma taxa de reinfeção de 85%” (p.7, caderno de cidades).

“Em Corte do Camorim, comunidade que dissolveu-se no ano passado, ela verificou um índice inicial de 30% de pessoas com a doença, entre 234 moradores examinados, em março de 1995. Os positivos foram tratados e, um ano depois, o índice desceu para 26%, uma queda não significativa. Em março de 1997, todos foram novamente examinados e 43,2% estavam com a doença, ou seja, a quantidade de infectados aumentou. Já em Itamaracá, em março de 95, 43% dos 143 moradores estudados tinham *Schistosoma mansoni*. Eles foram tratados e, em março de 96, só 9,8% estavam com a doença. Um ano após, o índice ficou em 18,2%”.

“Tereza Favre alerta que seu trabalho não descobriu uma nova realidade em relação à doença, mas mostrou que as altas taxas de reinfeção podem explicar porque mesmo após mais de 20 anos de campanhas de controle, o mal ainda continua com os mesmos índices”.

“Até os hospedeiros intermediários do *Schistosoma* nesses locais são distintos. No interior, a espécie de caramujo que abriga as cercárias é a *Biomphalaria straminea* e, no litoral, é a *Biomphalaria glabrata*”.

“A manutenção das péssimas condições de vida da população no campo é o principal entrave na luta para baixar índices da esquistossomose, doença que atinge 200 mil pessoas em Pernambuco, segundo dados da fundação Nacional de Saúde (FNS)”.

“é uma doença fácil de debelar, mas não de erradicar. Só quando houver saneamento, água encanada e medidas de educação e saúde para a população”, completa o médico sanitário Ubiracy Guida, gerente técnico da esquistossomose na FNS-PE. Segundo ele, a

endemia é a terceira em importância em Pernambuco, depois da dengue e da doença de Chagas.

Em São Lourenço, na sua zona rural, são investigados há dez anos os engenhos Araújo, Poço Dantas e Covas. Há vários focos do caramujo transmissor no Rio Duas Unas, que corta os engenhos, e próximo a cacimbas. Todo mês agentes de saúde pública da FNS, coletam caramujos nestes criadouros para enviar ao IOC, no Rio.

Alguns números:

- 95 é o número de municípios sob risco em Pernambuco (dentre os 147), sendo 85 na área endêmica;
- 10 é quantidade de áreas-focos no Agreste, litoral e Sertão;
- 1.234.015 é a população exposta ao risco no Estado;
- 210 mil pessoas têm a doença em Pernambuco;
- 0,1% das pessoas evolui para a forma grave, por conta das campanhas de controle.

Fontes: Constança Simões Barbosa (CpqAM/Fiocruz), Ubiracy Guida (FNS-PE), Controle da Esquistossomose, Diretrizes Técnicas, 1998.

JC, 1º de outubro de 1999

### Nutrição

O Brasil apresenta dados preocupantes quanto ao desenvolvimento físico das crianças e a deficiência nutricional. Carência de suprimento de Vitamina A. Um total de 19% das crianças de área rural e 8% das áreas urbanas apresentam estatura inferior à normal.

O Relatório registrou uma alta mortalidade de menores de 5 anos no país, igual ao do Haiti e da Bolívia. Por sua vez, destaca-se que, 42% dos partos são por cesarianas nas zonas urbanas, percentual considerado muito alto.

**Competitividade x Qualidade de vida**

O ranking do desenvolvimento humano é calculado pelo PNUD, pretendendo medir a qualidade de vida em 174 países. De acordo com a ONU, na primeira listagem estruturada com base no IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), o Brasil cai do 62º posto para o 79º. Ou seja, com médio índice de desenvolvimento humano. O governo debitou a perda da posição a um recuo na metodologia do índice (o peso do valor absoluto da renda per capita na composição do índice foi reduzido).

Melhor seria admitir que, pelo menos em parte, o resultado piorou porque as melhorias sociais dos primeiros anos do plano Real estão sendo dissolvidas pela recessão persistente e a conseqüente calcificação do desemprego em níveis altos, como exemplificam os números que formam o índice de pobreza humana (IPH) – indicador-espelho do IDH.

Cerca de 25 milhões de brasileiros – quase 16% da população total – não têm acesso a condições mínimas de saúde, educação e serviços básicos, sem falar no fato de que a concentração de renda é a maior entre as exibidas por países latino-americanos.

Na medição de competitividade, calculado pelo Fórum Econômico Mundial, com vistas a avaliar a abertura, transparência e sofisticação da economia em 52 países, o país desceu do 46º lugar para o 51º.

O IDH e o ranking de competitividade foram divulgados simultaneamente. É curioso cotejar os dados e verificar que Cingapura por exemplo, país campeão de competitividade há vários anos, é no entanto, o vigésimo segundo em termos de qualidade de vida.

A Tailândia, situada entre os 30 países mais competitivos, quando se trata do desenvolvimento humano, fica perto do Brasil no IDH médio, na 67ª posição.

**Mão-de-obra escrava**

O último dia 28 de junho nunca vai ser esquecido pelos agricultores João Batista e José de Siqueira. Na véspera do dia de São Pedro, a

dupla retornou do povoado de Jericó, localizado no município de Triunfo, a 425 quilômetros do Recife, depois de passar tres meses trabalhando em regime de escravidão na usina Colombo, na cidade paulista de Potirendaba. Eles só conseguiram retornar porque João contraiu uma pneumonia aguda e foi mandado embora para não morrer no local. Seu cunhado, José, aproveitou a saída de João para fugir.

Nos últimos quatro anos, cerca de 2,5 mil pessoas saíram de Triunfo, com a promessa de trabalho em usinas localizadas nas cidades de Leme, São José do Rio Preto e Potirendaba, no interior de São Paulo. Desse contingente poucos retornaram para seus lares. Eles já chegam com a dívida de R\$ 120,00 da passagem. O pagamento é quinzenal. A usina cobra taxa pela moradia, equipamentos, transportes e não oferece subsídios a alimentação, luz, água, gás, que são adquiridos em armazéns indicados por capatazes, e anotados para desconto em caderneta.

De acordo com dados do sindicato, existem 1421 alistados na frente produtiva; na semana passada, esse pessoal recebeu R\$ 42,00 referente ao mês de abril.

A cidade aparece em publicidades governamentais como um paraíso do frio, mas a situação geral é de miséria. Nos últimos dez anos, o município passou a integrar o mapa turístico de Pernambuco e atualmente participa do circuito do frio, promovido pela Secretaria Estadual de Turismo.

Na pauta de reivindicações, a solicitação de ampliação do número de vagas nas frentes produtivas de trabalho, (de 1421 para 3 mil), o pagamento do abono de R\$ 15,00 por parte do governo estadual para a complementação do salário das frentes e o retorno dos agricultores que estão nas usinas paulistas.

JC, 18/06/99

**Referências Bibliográficas**

BARBOSA, Constança Simões; GUIDA, Ubiracy. **Controle da Esquitossomose** - Diretrizes Técnicas. CpqAM/Fiocruz. FNS-PE, 1998.

- BATISTA Jr. Paulo Nogueira. Mitos da "Globalização". Cadernos Temáticos, vol 4, Rio de Janeiro: SENGE- Sindicato dos Engenheiros no Estado do Rio de Janeiro, 1999. p.8.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. 3 vol, São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BOLLE, Willi. As siglas em cores no Trabalho das Passagens, de W. Benjamin. *Revista Estudos Avançados*. São Paulo, v. 27, p.41,1996.
- BOURDIEU, Pierre. **la Distinction, Critique Sociale du Jugement**. Paris: Editions de minuit, 1979. 530p.
- CEPAL. Panorama Social da América Latina,1999
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: Artes do Fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994. 46p.
- CHOSSUDOVSKY, Michel. **A globalização da Pobreza: Impactos das reformas do FMI e do Banco Mundial**. São Paulo: Moderna, 1999. 179p.
- DABAT, Christine R. A escolha dos Ancestrais ou Notas sobre o Círculo Itinerário Geográfico da História Oficial. *Revista de Geografia*, v.9, n. 1, p.25-66 jan/jul 1993.
- DABAT, Christine R.; GOMES, E. **Ementa da Disciplina: Estudo das Relações Sociedade-Natureza**. Recife, 1997. Dissertação (Mestrado) - UFPE/CFCH/Mestrado em Geografia e Mestrado em Gestão e Políticas Ambientais.
- DUPUY, Gabriel. **L'urbanisme des Reseaux**. Téeorie et Méthodes. Paris: Éditeur Armand Colin, 1991. p.9
- FOLHA DE SÃO PAULO, 02 de junho de 1996

- GRAMSCI, Antonio. **Concepção Dialética da História**. 9 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. 253p.
- HAY, Louis. De la lettre au livre. Sémiotique des manuscrits littéraires, org. por Louis Hay, Paris: éditions du CNRS, 1989, p. 25.
- JORNAL DO COMMERCIO, 18 de junho de 1999
- JORNAL DO COMMERCIO, 23 de julho de 1999
- MINTZ, Sydney W. "The Power of Sweetness and the Sweetness of Power", in The Eighth Duijker Lecture. Amsterdam. Van Loghum Slaterus, 1988, p.12. "O Poder do Doce e a Doçura do Poder". Tradução Christine Rufino Dabat. *Revista Clio*. N. 16 1998.
- MITSCHERLICH, Alexander. Die Umwirllichkeit unserer Städte. Anstiftung zum Unfrieden.Frankfurt: Suhrkamp Verlag KG, 1965.
- RAFFESTIN, Claude. Les ingérences paradoxales de la pensée écologique. In: SABELLI, Fabrizio (org.). **Écologie contre nature**. Op. Cit. p.42-43.
- SANTOS, Milton. **A natureza do Espaço**. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997. 83p.
- ZEA, Leopoldo. **Filosofia de la Historia Americana**. México: Fondo de Cultura Económica, 1978. p.106-107.